

PRÁTICAS DINÂMICAS DE EDUCAÇÃO: O PROJETO DE EXTENSÃO “CINECLUBE E EDUCAÇÃO” – UM MECANISMO DE FORMAÇÃO PROFISSIONAL PRIMORDIAL NA UNIVERSIDADE

*DYNAMIC PRACTICES OF EDUCATION: THE
EXTENSION PROJECT “CINECLUB AND
EDUCATION” – A PRIMORDIAL MECHANISM
OF PROFESSIONAL FORMATION AT THE
UNIVERSITY*

Jacimara Sarges Abreu¹, Mariana Mont’Alverne Barreto²

¹ Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

² Professora adjunta no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC).

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados das experiências de extensão vinculadas ao projeto de extensão “Cineclube e Educação”, que unia cinema e educação, dentro da universidade. O principal objetivo dessa iniciativa foi a criação de um cineclube, para servir como ambiente favorável à compreensão da linguagem cinematográfica, e a utilização de filmes, como recurso didático permanente dentro da instituição de ensino superior. O projeto exibia filmes e propunha discussões sobre formas e conteúdos do material projetado, vinculando esse debate aos temas que eram trabalhados em sala de aula, para um público externo. Paralelamente, as conversas estendiam-se a outras ações

coordenadas ao projeto, tais como grupos de estudos, eventos etc. Como resultados, foram inauguradas e desenvolvidas novas formas de apropriação dos conteúdos curriculares, mostrando ao público que o uso de diferentes materiais pode ser parte importante da didática nas instituições escolares. Dentro dos limites da proposta, barreiras de desigualdades (culturais) foram superadas e dispositivos de educação atualizados e eficazes para os recursos audiovisuais foram recriados, sem se separar saberes, hábitos, ideias, entendimentos, críticas e temáticas entre mais e menos legítimos.

Palavras-chave: *Cultura. Educação. Cinema.*

EXPLICANDO NOSSA ATIVIDADE DE EXTENSÃO

Este artigo consiste em um relato de experiência que tem como grande tema a articulação entre cultura e educação nos novos *campi* das universidades federais. Especificamente, objetivamos apresentar e problematizar os resultados das experiências de extensão dos projetos “Cineclube e Educação” (2011 - 2012) e “Cineclube e Educação – a experiência do uso do cinema como recurso didático na universidade” (2012-2013), desenvolvidos no então recém-criado *campus* de Pinheiro, da Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

No período de vigência, as ações de extensão desenvolvidas pelos projetos dividiram-se em dois momentos, por assim dizer. No primeiro deles, buscamos criar um cineclube, com ambiente favorável à compreensão da linguagem cinematográfica. A ideia

central abrangia a compreensão de um conjunto de relações e de referências que evoluem com o tempo, adquirindo características de mutabilidade, complexidade e ambiguidade, que dificilmente serão apreendidas pela espontaneidade, com relação ao cinema e suas linguagens. No segundo momento, consolidamos o processo de utilização de filmes como recurso didático permanente dentro da universidade, seguindo com as projeções e com o aprofundamento das discussões temáticas sobre obras cinematográficas escolhidas, relacionando-as aos conteúdos disciplinares e ao exercício de utilização do cinema, como recurso didático, para a educação escolar de modo abrangente. Ademais, continuamos com as ações paralelas vinculadas ao projeto de extensão (grupos de estudos, seminários e eventos para os públicos interno e externo ao *campus*).

As ações de extensão eram direcionadas aos estudantes dos cursos de licenciatura em Ciências Humanas e em Ciências Naturais, mas igualmente aos técnicos administrativos e demais servidores do *campus* de Pinheiro, estudantes e docentes de ensino médio da rede pública de ensino municipal, estudantes do programa de formação de Professores para Educação Básica (PROEB) e à população que habitava o entorno do *campus*.

Além disso, juntas, coordenadora e bolsistas¹ eram responsáveis pela confecção do material de divulgação e pela difusão,

1 O projeto “Cineclube e Educação” contava com a participação de duas bolsistas / extensionistas, dentre elas, Ryanne de Nazaré Peixoto Pereira. No período de 2011 a 2013, sua integração e trabalho tiveram importância singular nas ações de extensão, com contribuições na divulgação das atividades, na sugestão dos ciclos, na confecção do

propriamente dita, dos ciclos cinematográficos na universidade e na cidade de Pinheiro, principalmente em escolas, fundações educacionais, emissoras de rádio e televisão, associações de bairros, e no entorno do *campus*, que fica em um dos bairros mais desassistidos da cidade, o bairro Floresta.

O cineclube, como atividade educacional específica, centrada em exibições de filmes, seguidas de discussões sobre formas e conteúdos das películas, teve como principal fundamento teórico o projeto político pedagógico dos cursos de licenciatura em Ciências Humanas e licenciatura em Ciências Naturais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *campus* de Pinheiro, cujos princípios norteadores concentram-se na criação de uma nova relação entre teoria e prática, entre universidade e sociedade, na qual sejam desenvolvidas as capacidades e habilidades dos estudantes, sem que haja centralidade na transmissão de conhecimentos a partir do professor. Ou seja, baseou-se no novo paradigma de formação para os futuros docentes da educação básica, onde se prioriza a adoção de práticas dinâmicas de educação, dentre elas, o contínuo reforço aos estímulos para aquisição de habilidades específicas e autonomia discente (BARRETO, 2010, 2012).

Nessa perspectiva, a participação da comunidade externa caracterizava-se como essencial à realização das sessões do cineclube, além de contribuir para o enriquecimento da atividade. Diante disso, proporcionou aos sujeitos presentes nos debates o contato com variadas visões de

material de divulgação, nas discussões após a exibição dos filmes e na organização e participação nos eventos realizados, assim como no grupo de estudos criado.

mundo e interpretações sobre realidades sociais ao mesmo tempo distantes e próximas, já que os problemas, avanços, fracassos, sucessos, alegrias, tristezas do homem são muitas vezes universais. Ali, residiu uma característica considerável da atividade, que é a percepção da universalidade da arte cinematográfica, mesmo quando ela parece restrita a um país, a uma língua ou a uma cultura muito específica. Saber interpretar e explicar esse recurso foi algo que contribuiu para o amadurecimento intelectual das bolsistas e dos demais estudantes que acompanhavam as exposições, quer fossem os universitários quer fossem provenientes das escolas públicas.

A linguagem cinematográfica, considerada como um dos recursos que contribuem para a ampliação da compreensão das linguagens das artes, termina por fortalecer

[...] os instrumentos necessários para a compreensão do complexo de elementos culturais que está dentro dos indivíduos, para que assim se compreenda o complexo cultural que está fora deles, ou seja, na obra de arte, quer seja ela um filme, uma música, um romance ou uma fotografia. A posse dos objetos artísticos isoladamente não configura uma situação favorável ao fim das desigualdades constituídas pelo *habitus*, pela socialização (BARRETO, 2010, p. 2).

O cinema é uma arte, um espetáculo artístico da era industrial. Isso porque é uma linguagem estética, poética, musical; é uma escrita figurativa, mas também é uma leitura, uma forma de comunicar pensamentos, ideias, exprimir sentimentos, assim como outras linguagens que o precederam (literatura, fotografia, teatro, pintura, etc.). Fazer um filme é organizar uma série de elementos espetaculares, a fim de proporcionar uma visão estética, objetiva, subjetiva ou poética do mundo,

de modo que quem assiste ao produto final pode decifrar, interpretar a visão de mundo que o cineasta coloca diante do espectador, a partir do domínio da linguagem cinematográfica, mas também do domínio da forma e do conteúdo de um fazer específico (BETTON, 1987). “Os filmes são produções em que a imagem em movimento, aliada às múltiplas técnicas de filmagem e montagem e ao próprio processo de produção e ao elenco selecionado, cria um sistema de significações” (FABRIS, 2008, p. 118).

A fruição do cinema, como representação artística, e não apenas como apreciação imediata, espontânea de um espetáculo, pressupõe disposição diante das obras, um esforço de conhecimento das regras contidas nelas. Do contrário, as compreensões dessa linguagem podem ser limitadas, fugazes, instantâneas. O entendimento dos significados dos produtos que do cinema originam-se está associado à educação adquirida com certo *habitus*. Isto é, a educação pode vincular-se ao conjunto de orientações, habilidades, disposições duráveis e transferíveis, adquiridas no processo de socialização dentro de determinadas culturas, por meio das quais as pessoas percebem, agem, pensam, apreciam e avaliam o mundo. Nesse sentido, ela pode ser inculcada por meio de uma educação familiar, particular, escolar, pública, coletiva, ou ainda, por iniciativa individual a partir de um gosto suscitado (BOURDIEU, 2008).

De tal modo, Grace Thiel e Janice Thiel (2009) observam que

[...] precisamos assumir uma atitude inquiridora perante o discurso fílmico, questionando a imagem, palavra e som. Ler um filme refletidamente significa examinar o contexto social, cultural, histórico

e ideológico que o fundamenta; observar seu comprometimento moral e intelectual; identificar questões existenciais e seu alcance; comparar/contrastar aspectos da cultura representada no filme e da cultura receptora; interpretar o alcance local, nacional e global das situações apresentadas e dos temas propostos; compreender o que aproxima e/ou separa comunidades e culturas no filme e na vida (THIEL, G.; THIEL, J., 2009, p. 79).

Diante disso, as ações dos cineclubes trabalharam sobre os seguintes pontos: 1) cumprir uma função preparatória para a percepção de que os gostos, as sensibilidades, são, antes de tudo, determinações sociais e de que, conseqüentemente, julgar um objeto artístico não corresponde a manifestar uma opinião “livre” de valor. Vinculados à educação, esses elementos funcionariam como possibilidade ou estratégia de reduzir desníveis/desigualdades na posse de “capitais culturais”² entre os estudantes e convidados, no que tange à aquisição de uma cultura fílmica; 2) dar a cada estudante os saberes e *savoir-faire* indispensáveis à tomada de consciência e domínio desse fenômeno, via programas escolares que incluam dispositivos de educação para a imagem; 3) estimular o desenvolvimento de um recurso caro ao crescimento intelectual: a prática de

¹ Bourdieu e Passeron (1973) entendem por “capital cultural” um conjunto de sinais usados pelos membros de um grupo social particular, a fim de reforçar os vínculos internos e manter a superioridade em relação a outros. Quando o capitalismo perdeu o caráter personalista, por exemplo, a herança direta da propriedade tornou-se menos importante como meio de transmitir a riqueza econômica e o *status* social aos filhos. Frente a isso, dentre os novos mecanismos que os grupos de elite passaram a empregar, o mais importante foi a capacidade de negociar o sistema educacional com sucesso, de modo que seus filhos compreendessem as “regras do jogo”, o que permitiria a eles sair com credenciais que lhes garantissem bons empregos.

procedimentos de construção de esquemas teóricos abstratos, ou seja, operações próprias das atividades intelectuais que caracterizam as diferentes ciências; 4) afirmar a importância do entendimento, de exercícios de reflexão, interpretação e argumentação, a partir de linguagens distintas, reforçando o uso de recursos metodológicos flexíveis e contemporâneos; e 5) possibilitar os primeiros contatos entre a universidade e a comunidade³, permitindo aos graduandos oportunidades de exposição, debate e interação com os demais convidados, a partir do exame de objetos artísticos particulares: os filmes exibidos (BARRETO, 2010, 2012).

Todos esses pontos se desdobraram ainda na feitura dos relatórios de trabalhos, nas reuniões entre a coordenadora e as bolsistas para ajustes de pontos específicos, na condução dos projetos e discussões sobre uma literatura especial, sobretudo, aquela cujos tópicos principais tratavam de linguagens cinematográfica, didática e de usos das tecnologias da comunicação e da informação em sala de aula, bem como organização e participação em seminários de ensino, pesquisa e extensão no *campus* de Pinheiro. Durante dois anos, criamos e realizamos o “Seminário de Ensino, Pesquisa e Extensão” do

² Entre os anos de 2011 a 2013, além do “Cineclube e Educação”, havia outra atividade de extensão no *campus* de Pinheiro, da UFMA. Era o projeto intitulado as “Relações étnico-raciais nos currículos da educação básica”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Kátia Evangelista Regis. Contudo, este último objetivava contribuir com o processo de formação inicial e continuada dos educadores de Pinheiro, problematizando os currículos escolares que, geralmente, omitem e/ou distorcem a história e a cultura dos africanos e dos negros brasileiros e oferecendo subsídios para a inclusão dessa temática no ensino, por meio de novas práticas curriculares e metodológicas que assegurassem uma educação para a igualdade étnico-racial.

campus de Pinheiro da UFMA, evento aberto à comunidade, com a realização de conferências, mesas redondas e grupos de trabalhos divididos por temáticas específicas. Tudo isso demonstra, sem sombra de dúvidas, o movimento de ampla abrangência de nossos anos de trabalhos nessa atividade de extensão.

APRESENTANDO NOSSAS FORMAS DE ATUAÇÃO

Na execução direta da ação de nosso projeto, apresentávamos semanalmente sessões de cinema, no auditório da universidade, no *campus* de Pinheiro, no período vespertino. Utilizávamos somente os equipamentos imprescindíveis: um computador com leitor de DVD, uma caixa amplificadora de som, um projetor e algumas cadeiras escolares em madeira e ferro. Exibíamos ciclos mensais, compostos por três filmes, planejados a partir de conteúdos temáticos vistos em sala de aula e propostos por professores do *campus* interessados em contribuir com o projeto em si ou, ainda, que necessitassem de um reforço aos conteúdos trabalhados em sala e/ou como atividade de treinamento didático para os estudantes. Também abríamos a programação para temas extracurriculares que se impusessem como relevantes em determinado momento, assim como aceitamos, em diversos momentos, sugestões de ciclos dos estudantes. Eis dois exemplos de nossos ciclos:

Exemplo I: Programação – Novembro de 2011

Ciclo: Pluralidade cultural ou diferença racial?

10.11.2011: Adivinhe quem vem para jantar?⁴.

17.11.2011: A cor púrpura⁵.

24.11.2011: Atraiçoados⁶.

Exemplo II: Programação – Abril de 2012

Ciclo: Os fascismos

10.04.2012: O jardim dos Finzi-Contini⁷.

17.04.2012: O pianista⁸.

24.04.2012: A onda⁹.

Como dito, os filmes exibidos eram de responsabilidade daqueles docentes, ou discentes, que propuseram os ciclos. Responsabilizavam-se, ainda, por viabilizar as cópias a serem exibidas, pela condução das sessões e pela organização dos debates posteriores com os espectadores presentes, auxiliadas

³ ADIVINHE quem vem para jantar? Direção: Stanley Kramer. EUA: Sony Pictures – Sony, 1967. 1 DVD.

⁴ A COR púrpura. Direção: Steven Spielberg. EUA: Warner Home Video, 1985. 1 DVD.

⁵ ATRAIÇOADOS. Direção: K. Costa-Gravas. EUA, Japão: PlayArte, 1988. 1 DVD.

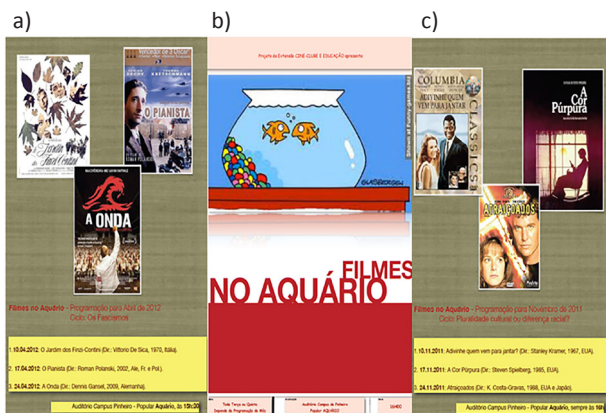
⁶ O JARDIM dos Finzi-Contini. Direção: Vittorio De Sica. Itália: Lume Filmes, 1970. 1 DVD.

⁷ O PIANISTA. Direção: Roman Polanski. Alemanha, França e Polônia: Universal Pictures, 2002. 1 DVD.

⁸ A ONDA. Direção: Dennis Gansel. Alemanha: Paramount Pictures, 2009. 1 DVD.

pelos bolsistas/extensionistas. Juntas, coordenadora e bolsistas eram responsáveis pela confecção do material de divulgação e pela difusão propriamente dita dos ciclos na universidade e na cidade de Pinheiro, principalmente em escolas, fundações educacionais, emissoras de rádio e televisão, associações de bairros e no entorno do *campus*, um dos bairros mais desassistidos da cidade, que é o bairro Floresta.

Figura 1– Cartazes do “Cineclube e Educação”



Legenda:

- a) Divulgação do ciclo cinematográfico “Os Fascismos”
- b) Divulgação permanente
- c) Divulgação do ciclo cinematográfico “Pluralidade cultural ou diferença racial?”

Fonte: arquivos “Cineclube e Educação” – Campus de Pinheiro.

Assim, nossas programações cinematográficas destinaram-se aos estudantes dos cursos de licenciatura em Ciências Humanas e Ciências Naturais, mas, igualmente, aos técnicos administrativos e demais servidores do *campus* de Pinheiro,

aos estudantes e docentes de ensino médio da rede pública de ensino municipal e do programa de formação de Professores para Educação Básica (PROEB) e à população que habitava o entorno do *campus*.

Com os planejamentos, divulgações e organizações, as sessões de cinema ocorriam com as projeções de filmes por ciclos temáticos. Ao término de cada apresentação, eram abertas discussões com o público presente. Essas eram iniciadas pelos professores ou estudantes responsáveis pela condução e pela organização das sessões/debates. Posteriormente, os espectadores presentes participavam, discutiam e comentavam as exhibições, os temas propostos, os assuntos suscitados pelos filmes, levantados por dúvidas ou discordâncias.

Nesses momentos, evidenciou-se a importância, na contemporaneidade, do uso do cinema como recurso didático atualizado, capaz de fazer do momento de aprendizagem uma experiência comunicativa e estética única. Isso porque os debates que se observaram em torno dos conteúdos filmicos foram, a um só tempo, educativos e esclarecedores. Assim, capazes de motivar, nos participantes, a consciência da importância da academia, do pensamento científico que ela abriga, do exercício político democrático que essa instituição propicia e dos saberes produzidos por fontes, formas e linguagens diversas que eram apresentados ao público.

DISCUTINDO OS RESULTADOS

As ações dos projetos de extensão realizadas entre os anos de 2011 e 2013 utilizaram, de forma coerente e sistemática, a

arte cinematográfica como recurso didático dentro do *campus* de Pinheiro. Dessa forma, por meio da criação do cineclube, construiu-se um espaço favorável para a compreensão da linguagem cinematográfica em um ambiente de exibição e discussão de filmes, apresentados em ciclos, numa iniciativa de professores e estudantes com participação das comunidades interna e externa à universidade, como mencionado há pouco. Proporcionou-se a realização de debates livres, democráticos e igualitários em todos os encontros, tal como deve pretender a análise de qualquer obra de arte.

Seguramente, afirma-se que os objetivos principais da proposta dos projetos consolidaram-se satisfatoriamente, dentro dos limites, possibilidades técnicas e recursos materiais e humanos disponíveis. O cineclube fez com que a utilização do cinema como recurso didático incrementasse as atividades práticas e didáticas dos professores das licenciaturas em Ciências Naturais e em Ciências Humanas, quando incorporaram filmes de ficção ou documentários como algo mais que ilustração de aulas e conteúdos históricos. Os filmes eram tomados como objetos culturais, cuja natureza de representação e encenação é “resultado de um conjunto de seleções, escolhas, recortes, perspectivas, que envolve um leque de profissionais e de interesses comerciais, ideológicos e estéticos” (NAPOLITANO, 2009a, p. 12). Daí, o diferencial desse projeto ultrapassou o uso dos filmes como ilustrações de conteúdos, inaugurou um estudo sobre as obras completas, com as características internas (produto das condições sociais construídas) e externas (escola de direção, diretores, movimentos estéticos, país de origem, etc.), mostrou como a arte pode e deve constituir-se

seriamente em conteúdo curricular principal, e não acessório. Afinal, os

filmes expressam o olhar não só das pessoas envolvidas em sua montagem, mas, indiretamente, revelam o imaginário de seus espectadores, pois antes mesmo de vir a contribuir na formação e reforço de hábitos culturais, a produção de um determinado filme leva em conta a visão de seu público alvo, seu universo de referências, conhecimento e expectativas (OLIVEIRA, 2006, p. 141).

Ao contarem com o envolvimento dos professores do *campus* que possuíam formações em diferentes áreas do conhecimento, trazendo interpretações e pontos de vista distintos, os debates e as aulas posteriores desses docentes eram enriquecidos, assumindo dinâmicas que se aproximavam das exigências interdisciplinares dos projetos pedagógicos dos cursos. As associações entre as obras cinematográficas e os conteúdos universitários possibilitaram a aproximação entre as duas áreas de estudo e formação existentes no *campus*, por vezes, separadas quando das tentativas de se priorizar apenas as atividades em sala de aula, conteudísticas, ou seja, centradas nas explicações de conteúdos, sem que houvesse o uso de recursos didáticos atualizados e práticas dinâmicas de ensino dentro da universidade.

Além disso, observamos que, aos poucos, os professores tiveram o desafio, nas disciplinas que ministravam, de propor “leituras mais ambiciosas além do puro lazer, fazendo a ponte entre emoção e razão de forma mais direcionada, incentivando o aluno a se tornar um espectador mais exigente e crítico, propondo relações de conteúdo/linguagem do filme com conteúdo escolar” (NAPOLITANO, 2009b, p. 15). Com isso,

os estudantes, assíduos nas sessões exerceram diferentes possibilidades de construção de esquemas de pensamento, ao juntarem aquilo que era visto em sala de aula, com a linguagem original, visual, sonora, plástica, fotográfica, enfim, estética, estabelecida pelos filmes propostos.

Quanto aos estudantes e ao público em geral, o conhecimento de uma diversidade de obras do cinema nacional e mundial, de diretores e movimento estéticos variados, de um conjunto de filmes produzidos em diferentes épocas, de gêneros e escolas de formações diversificadas, trouxe a apreciação e o estudo de materiais até então pouco conhecidos, ou vistos apenas como entretenimento, esvaziados de esforços de reflexão, metáforas e linguagens visuais, sonoras, por exemplo. Resultados desse tipo apareceram na participação do público em ações vinculadas ao projeto, grupo de estudos, seminários para apresentação de atividades e trabalhos dos bolsistas, estudantes e professores atendidos pela extensão.

Mensalmente, os ciclos de exibição eram planejados tendo-se em vista os conteúdos disciplinares/curriculares trabalhados em sala de aula e as propostas dos universitários. Estas últimas dependiam das relevâncias que apresentavam quanto aos temas sociais, políticos, econômicos mais urgentes, como mencionado anteriormente.

No entanto, em algumas vezes, a falta de experiência e cultura cinematográfica dos discentes impediu a apreciação dos filmes da forma esperada, uma vez que películas por eles consideradas como “difíceis” exigiam um conhecimento prévio acerca de aspectos que iam além dos conteúdos principais, algo que era trabalhado apenas nos momentos das discussões. Isso deixou

ver elementos dos desníveis/desigualdades na aquisição do “capital cultural” dos estudantes. O que fortaleceu a hipótese teórica deste projeto de que “em grupos mais escolarizados, mais letrados e com maior acesso a produtos e equipamentos culturais (museus, salas de cinema, bibliotecas), a cultura cinematográfica tenderá a ser mais ampla e diversificada” (NAPOLITANO, 2009a, p. 26).

De início, esse obstáculo dificultou a realização de discussões mais fluídas, participativas, espontâneas. O que se buscou corrigir ao longo da prática do projeto, exercitando no público presente disposições para o domínio dos elementos culturais necessários para os entendimentos satisfatórios das metáforas e realidades apresentadas nos filmes. Fazendo-os perceber que é possível buscar e aprimorar o conhecimento de diversas maneiras, que não se prendem a um formato único, a uma só língua, experiência, representação ou universalidade. Afinal, pela música, pelos filmes, pela literatura, pelas artes plásticas, nos é permitido

[...] colocar lado a lado configurações sociais, econômicas, políticas ou culturais diversas, próximas e distantes, presentes e passadas. Comparam-se comunidades, sociedades, tribos, clãs, nações, nacionalidades, compreendendo configurações sociais, formas de sociabilidade, modalidades de organização social e técnica do trabalho, regimes políticos, nacionalismos, regionalismos [...] (IANNI, 2000, p. 15).

As atividades foram reorientadas, sempre que possível, para contornar esses percalços. Os filmes foram apresentados no início, mencionando-se as proximidades entre o que seria visto e os objetivos naquela exibição. Era feito brevemente o esboço

de algumas características da escola de direção, do país de origem do longa, etc. A preocupação maior era mostrar que saber apreciar obras consideradas “de arte” estava longe de ser um privilégio da natureza e que é algo bem mais próximo da perspectiva que evidencia o gosto, a compreensão das obras de arte universais como produto de condições sociais construídas. Foram proporcionados os meios práticos para tornar possível esse entendimento, para dirimir as desigualdades culturais, ao mesmo tempo em que foram exercitadas as possibilidades de busca e apreensão das ideias, teorias, ciências nos mais variados meios e materiais produzidos pelo homem.

Outra resistência que nos fez redirecionar nossos planos de ação, em distintas ocasiões, foi a presença da comunidade externa à universidade. De modo tímido, as instituições onde nosso trabalho de divulgação havia sido mais efetivo, dentre elas, os centros de ensino Dom Ungarelli, José de Anchieta, Professor Rubens Almeida e a Escola de Educação Básica e Profissional da Fundação Bradesco, enviavam seus estudantes para nossas sessões. Mas, ainda que reconhecessem a importância da ação, nem sempre ofereciam estrutura logística que permitisse a presença desses estudantes no *campus*.

Por outro lado, dois eventos produzidos, vinculados ao projeto de extensão, fizeram com que a comunidade externa participasse massivamente. Como mencionado anteriormente, esses momentos foram o I Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão do *Campus* de Pinheiro (SEPE) e o II Seminário de Ensino Pesquisa e Extensão do *Campus* de Pinheiro. A organização, a divulgação e a realização dos eventos foram importantes para as bolsistas do projeto e para a coordenadora.

Foi a primeira vez que um evento foi organizado e realizado na instituição, abrindo um calendário de realização anual de extrema importância para a comunidade acadêmica e para o fortalecimento das relações entre a universidade e a cidade de Pinheiro. De modo semelhante, trabalhou-se na organização e na realização da II Semana da Consciência Negra do *Campus* de Pinheiro. Essa semana era promovida por outra ação de extensão do *campus*, aquela vinculada ao projeto “Relações étnico-raciais nos currículos da educação básica”.

Esses eventos divulgaram as ações de extensão e atividades correlatas: grupos de estudo, pesquisas individuais das estudantes bolsistas, trabalhos desenvolvidos pela coordenadora do projeto, pelos professores que conduziam as sessões, atraindo estudantes e profissionais de Pinheiro e municípios vizinhos para os projetos e ações da universidade. A população e a comunidade acadêmica sentiram a efetiva presença da instituição perto delas, conheceram professores, técnicos, cursos, áreas de estudos e projetos.

O cineclube foi um espaço privilegiado, uma oportunidade para aprender coletivamente, ainda que, individualmente, cada grupo tenha absorvido de modo particular o que foi transmitido, ensinado, discutido. Apesar de termos dividido o mesmo espaço, como espectadores, todos representamos ali papéis variados e todos concentramos ali esforços para construções profissionais futuras que começávamos a traçar. Compreendíamos na prática cotidiana que é a “diversidade de pensamentos que forma uma comunidade. Nisso, a linguagem do filme se aproxima da linguagem poética, por suas

ambigüidades, pelas várias possibilidades de interpretação” (RAMOS, 2009, p. 75).

Frequentemente, observou-se nas discussões abertas com o público – quer nas informais, após as sessões fílmicas, quer nas mais formais, durante os eventos e nos encontros de nosso grupo de estudos – que, conforme as atividades dos projetos avançavam, os estudantes e profissionais envolvidos passaram a enxergar no cinema não somente o entretenimento e a diversão sem reflexão. Abriram-se novos horizontes de percepção, que contribuíam para o desenvolvimento e o progresso intelectual, para a capacitação profissional mais ampla, ao contemplar uma educação para as artes. Os estudantes aprenderam a observar os filmes de outra maneira, ou seja, com olhar mais crítico, elaborando os próprios julgamentos e conceitos, sobre diferentes aspectos e padrões sociais, a partir do que ofereciam os temas dos filmes apresentados.

Tendo em vista que as produções cinematográficas não são ingênuas ou neutras, que contribuem na formação de estereótipos, modelos e expectativas, ao veicularem “valores, conceitos, atitudes e representações sobre a sociedade, a ciência, a política e a história” (NAPOLITANO, 2009a, p. 20), além de seguirem “vendendo estilos de vida, construindo e legitimando determinadas identidades sociais e desautorizando outras” (OLIVEIRA, 2006, p. 136), realizávamos um trabalho de desvelamento, de explicação, de observação de que nada do que é produzido socialmente é neutro, ou possui um só significado, uma só explicação, uma só interpretação. Por essa razão, acreditamos desde o início que

como espectador ativo, analista e intérprete de textos fílmicos, o aluno integra a recepção da obra ao seu mundo interior, passa a conferir sentidos ao texto, amplia seu repertório cultural de filmes, aprofunda leitura, reflete sobre valores e ideologias [...] (THIEL, G.; THIEL, J., 2009, p. 23).

O cineclube ofereceu um ambiente para análise e interpretação dos filmes, de modo que os estudantes e convidados questionassem, respondessem os desafios que os conduziam à reflexão, revendo conceitos e valores, exercitando leituras críticas e autônomas. Essa tarefa contribuiu para questionar as representações construídas, os preconceitos, as noções de ordem tradicional que carregamos em nossas formações, sem problematizá-las. O gosto pela arte foi desnaturalizado, preparou os espectadores e debatedores para o entendimento da formação social de nossas disposições mais íntimas.

Por fim, a ação articulou ensino, pesquisa e extensão, ensablendo num mesmo ambiente, professores, estudantes e comunidade. Evidenciou que, se os projetos pedagógicos dos cursos de licenciatura, criados a partir de 2010 pela UFMA, eram demasiadamente inovadores, abertos e autônomos e, por isso mesmo, difíceis de serem conduzidos e aplicados, todavia, eles permitiram que esse mesmo ineditismo, a abertura e a liberdade funcionassem a favor de projetos originais de formação discente. Isso, evidentemente, sem faltar o apoio dos editais, destinados ao incentivo das extensões na universidade. A partir daí, duas teses tomaram corpo em nossas formações discentes e docentes, isto é, não há como inovar nos processos de formação profissional conduzidos pelas instituições de ensino superior sem uma recorrente troca de ideias com a comunidade externa.

Tais trocas deram-se de modos distintos, como discutimos anteriormente, mas precisamos destacar os momentos em que elas se apresentaram de formas mais criativas. Por exemplo, foram inolvidáveis os momentos de nossas participações na organização e na realização dos SEPE. Estimuladas por essas ações, apresentamos nossas pesquisas no III Congresso de Ensino, Pesquisa e Extensão (CONEPEX) e em um dos eventos nacionais de extrema valia para os estudantes e pesquisadores, a 64ª Reunião Anual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Não há como desvincular essas atividades do projeto de extensão do qual fazíamos parte. Esse, por meio de suas atividades principais e secundárias, tais como a criação de um grupo de estudos e os estímulos ao desenvolvimento de nossas pesquisas monográficas, despertou em nós a relevância da noção e da prática de elaboração de projetos de vida profissional; da condução de nosso curso de graduação, como o primeiro passo para a realização desses planos que se ampliavam.

Como demonstração dessa progressão, em outubro de 2011, trabalhamos em parceria com o conjunto de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), do curso de licenciatura em Ciências Humanas do *campus* de Pinheiro. Exibíamos ciclos aos estudantes do Centro de Ensino Odorico Mendes, onde os bolsistas desenvolviam suas atividades prático-pedagógicas. Foi uma experiência cujas produções enriqueceram nossas formações como estudantes e nossos trabalhos como bolsistas. Na verdade, foi um dos momentos em que se pôde observar, no cotidiano, a diferença que a formação nas instituições públicas de ensino superior pode oferecer, bem como a necessidade da continuidade

de intervenções dessas universidades na vida social das comunidades onde se estabeleceram nos últimos dez anos.

Hoje, é comum encontrarmos nos corredores do *campus*, como graduandos, estudantes que nos viram trabalhando nas escolas em que se formaram. Lá, eles nos ouvem apresentar nossas defesas de monografia, nos veem receber prêmios por isso, compartilham conosco, próximos ou distantes, os sucessos de nossos trabalhos coletivos¹⁰.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As ações do cineclubes possibilitaram o acesso a um número considerável de filmes, cujas disposições no mercado e cujo entendimento daquilo que contavam não foram tarefas fáceis. Este último aspecto talvez explique certa resistência do público em comparecer às sessões. Além disso, os horários das sessões e as divulgações também são razões que consideramos para explicar a baixa assiduidade às sessões. No

⁹ Em dezembro de 2014, defendi minha monografia intitulada *O crescimento da “Igreja Evangélica Assembleia de Deus” em Pinheiro-MA e sua relação com a mídia radiofônica e televisiva local (1990-2014)*, sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Cristiane Muniz Thiago, com banca composta pela Prof.^a Dr.^a Mariana Mont’Alverne Barreto Lima e pelo Prof. Dr. Lyndon de Araújo Santos. Fui uma das primeiras estudantes de meu curso a apresentar trabalho monográfico. Posteriormente, em junho de 2015, meu trabalho recebeu, pela Universidade Federal do Maranhão, o prêmio “Mérito Acadêmico”, na categoria de “Melhor Trabalho de Conclusão de Curso”. O encerramento dessa etapa de minha formação profissional em muito se deve à minha formação como extensionista. Hoje, preparo-me para iniciar meu curso de pós-graduação em Sociologia na Universidade Federal do Maranhão, após um processo seletivo no qual classifiquei-me em terceiro lugar.

início das atividades, a comunidade sentiu-se constrangida em frequentar os espaços da universidade. O completo desconhecimento da instituição como bem público contribuiu para que esse grupo não se sentisse motivado a comparecer aos encontros. Essas dificuldades, inicialmente, por um lado, não corresponderam às nossas expectativas, mas, por outro, confirmaram a real necessidade da existência de um trabalho desse tipo. Observou-se, desde muito cedo, a diferença que existe entre aquilo que planejamos, no mundo das ideias, do conhecimento, e a riqueza dos acontecimentos na realidade, na vida rotineira.

Assim, duas situações menos antagônicas apresentaram-se ao longo da execução de nosso trabalho: primeiramente, para aqueles que compareceram com frequência às sessões, a ação de extensão despertou interesses pelos temas da arte, da cultura, dos usos das técnicas e tecnologias na sala de aula; em segundo lugar, no caso dos menos assíduos, percebeu-se que, aos poucos, eles entendiam que as produções culturais em geral eram mais que entretenimento, diversão e lazer esvaziados de sentidos e reflexões, sem que exista necessidade de conhecimento dos instrumentos ou métodos de realização para compreendê-las ou fazer uso delas.

Inauguramos e desenvolvemos novas formas de apropriação dos conteúdos curriculares, mostrando ao público que o uso de diferentes materiais pode ser parte importante da didática nas instituições escolares. Superou-se, dentro dos limites, as barreiras de desigualdades (culturais), recriando-se dispositivos de educação atualizados e eficazes para a imagem, sem separar saberes, hábitos, ideias, entendimentos, críticas,

assuntos, etc., mais legítimos e menos legítimos. Construiu-se em conjunto o conhecimento sobre nosso objeto, processo que ocorreu de forma autônoma, como previam as antigas, e controversas, versões do Projeto Político Pedagógico da instituição, e como bem preza a versão final.

REFERÊNCIAS

BARRETO, Mariana Mont’Alverne. *Cineclube e educação*. (Projeto de Extensão). Pinheiro: Universidade Federal do Maranhão, 2010.

_____. *Cineclube e educação – A experiência do uso do cinema como recurso didático na universidade*. (Projeto de Extensão). Pinheiro: Universidade Federal do Maranhão, 2012.

BETTON, Gérard. *Estética do cinema*. Tradução de Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. Tradução de Daniela Kern e Guilherme J. F. Teixeira. São Paulo: Zouk e EDUSP, 2008.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. *Reproduction in education, society and culture*. Londres: Sage, 1973.

FABRIS, Elí Henn. Cinema e educação: um caminho metodológico. *Educação & Realidade*, Porto Alegre - RS, v. 33, p. 117-134, jan./jun. 2008. Disponível em: <www.seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/download/6690/4003>. Acesso em: 18 ago. 2015.

IANNI, Octávio. *Enigmas da modernidade – Mundo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Caderno de cinema do professor: dois*. São Paulo: FDE, 2009a. p. 10-31.

NAPOLITANO, Marcos. *Como usar o cinema em sala de aula*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2009b.

OLIVEIRA, Bernardo Jefferson de. Cinema e imaginário científico. *História, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 13, p. 133-150, out. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v13s0/08.pdf>>. Acesso em: 18 ago. 2015.

RAMOS, Eduardo. A linguagem cinematográfica. In: SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Fundação para o Desenvolvimento da Educação. *Caderno de cinema do professor: dois*. São Paulo: FDE, 2009. p. 72-93.

THIEL, Grace Cristiane; THIEL, Janice Cristine. *Movie takes: a magia do cinema na sala de aula*. Curitiba: Aymar, 2009.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Ensino. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Humanas. São Luís: UFMA, 2010.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO. Pró-Reitoria de Ensino. Projeto Político Pedagógico do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais. São Luís: UFMA, 2010.

ABSTRACT

This article presents the results of the experiences of extension connected to the extension project “Cineclub and Education”, which united cinema and education at the university. Its main goals were the conception of a film society as a helpful atmosphere to the comprehension of the cinematographic language and the use of films as a regular didactic resource in a Higher Education Institution. We showed the films to an external audience and discussed their forms and contents, associating the debate with the contents that were worked in the classroom. At the same time, the debates were extended to some other actions coordinated to the project, such as study groups and events. As results, we inaugurated and developed new forms of appropriation of the curriculum contents, showing to the audience that the use of different materials can be an important part of the didactics in educational institutions. We overcame, within our limits, barriers of cultural inequalities and recreated updated and effective devices of education for the audiovisual resources, without separating types of knowledge, habits, ideas, understandings, criticisms, subjects, etc. into more or less legitimate.

Keywords: *Culture. Education. Cinema.*

Jacimara Sarges Abreu

Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Graduada em Ciências Humanas – História pela UFMA, campus de Pinheiro.

Foi bolsista/extensionista do projeto de extensão "Cineclube e Educação", entre os períodos de 2011 a 2013.

jacimarasarges@gmail.com

Mariana Mont'Alverne Barreto

Mestre em Sociologia pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), com dissertação intitulada "TV Ceará: processo de modernização da cultura local", e doutorado em Sociologia pela UNICAMP, com estágio na École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS/MSH), para desenvolvimento do trabalho de tese "As majors da música e o mercado fonográfico nacional". Foi professora adjunta na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), no período de 2010 a 2013, onde também coordenou o projeto de extensão "Cineclube e Educação". Atualmente é professora adjunta no Departamento de Ciências Sociais e no Programa de Pós-Graduação em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará (UFC).

marianabarreto75@yahoo.com.br

